



UNIFEOB

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS

ESCOLA DE NEGÓCIOS ONLINE

GESTÃO FINANCEIRA

PROJETO INTEGRADO

RISCO E FLUXO DE CAIXA

MAHLE Industry do Brasil Ltda.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

NOVEMBRO, 2021

UNIFEOB
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS
ESCOLA DE NEGÓCIOS ONLINE
GESTÃO FINANCEIRA

PROJETO INTEGRADO

RISCO E FLUXO DE CAIXA

MAHLE Industry do Brasil Ltda

MÓDULO GESTÃO FINANCEIRA

FINANÇAS CORPORATIVAS E CONTROLADORIA – PROF.
DANILO MORAIS DOVAL

GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCOS – PROF. LUIZ
FERNANDO PANCINE

ESTUDANTES:

ESTUDANTE ANDRÉ LUIS HENTZ, RA 1012021200347

ESTUDANTE BRENDA PIRES COSTA, RA 1012020200181

ESTUDANTE MARIANE RIBEIRO, RA 1012021200464

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

NOVEMBRO, 2021

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. DESCRIÇÃO DA EMPRESA	4
3. PROJETO INTEGRADO	6
3.1 FINANÇAS CORPORATIVAS E CONTROLADORIA	6
3.1.1 A DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA - DFC	6
3.1.2 ANÁLISE DA DFC	12
3.2 GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCO	16
3.2.1 GESTÃO DE RISCO E INVESTIMENTO	16
3.2.2 FRAUDE E RISCOS	21
4. CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

Temos por objetivo neste trabalho apresentar um estudo de caso acerca dos processos relacionados à gestão financeira da empresa Mahle, tendo como base os conceitos estudados aplicando-os na análise da mesma.

Sabe-se que um controle financeiro bem estruturado e elaborado é essencial para a saúde das empresas, sejam elas de pequeno, médio ou grande porte. A empresa objeto deste estudo é referência mundial na área industrial de peças automotivas, atuando em praticamente todos os continentes do mundo, e um dos pilares para o alcance desse sucesso se dá ao fato do excelente controle e consciência de sua gestão financeira.

2. DESCRIÇÃO DA EMPRESA

A empresa faz parte do grupo alemão Mahle, que foi criada no ano de 1920 na Alemanha pelos irmãos Mahle, o engenheiro Ernst e o contador Hermann. Na época trabalhavam com a produção de pistões de liga leve. Em 1951 a empresa se estabeleceu no Brasil, tendo à frente Ernst Mahle, sócio fundador da Metal Leve. Em 1966, após enfrentarem um período de dificuldades, venderam parte da sua participação ao Grupo Mahle, se tornando Mahle Metal Leve SA. Em 2002 incorporaram a Mahle Sistema de infiltração, dando abertura para novos produtos e em 2005 iniciaram um Centro de tecnologia na cidade de Jundiaí visando inovações na área de tecnologia. Desde então, nestes mais de 70 anos de história e trabalho a empresa tornou-se mundial no segmento de criação de novos materiais e produtos para área automotiva. Os produtos são produzidos no Brasil e Argentina e exportados para diversos países. Hoje mais da metade dos veículos que rodam no mundo, tem algum componente da Mahle já que a empresa tem uma ampla gama de produtos sendo alguns deles, peças para motores de veículos de passeio, veículos comerciais, serviços de engenharia, testes de motor, túneis de vento climático, túnel de vento resfriado, teste de módulo, veículos industriais, tecnologia naval, óleo e gás, veículos ferroviários, entre outros, o que contribui para sua diversificação.

A empresa que trabalha no modelo de capital aberto aderiu ao Novo Mercado em 2011, negociando com ações ordinárias. “A Companhia realizou oferta pública secundária de distribuição de ações de titularidade da MAHLE Industrie GmbH. No contexto da oferta, a Companhia converteu a totalidade das ações preferenciais de sua emissão em ações ordinárias e aderiu ao Novo Mercado, o mais alto nível de governança corporativa da B3 S.A. – Brasil, Bolsa, Balcão.”

Na composição acionária o grupo majoritário detém 70% das ações da empresa.

A gestão financeira do grupo é extremamente consistente o que trouxe consolidação à empresa e conta com uma receita extremamente diversificada.

Analisaremos neste estudo de caso a Demonstração do Fluxo de Caixa da empresa com base nos dados divulgados nos anos de 2019 e 2020. Mahle Metal Leve conta com uma grande diversificação de carteira, uma estratégia que se demonstra essencial na sua Gestão de Riscos e Investimentos.

3. PROJETO INTEGRADO

A proposta do presente projeto é interligar a disciplina de Finanças Corporativas e Controladoria com Gestão de Investimentos e Riscos, promovendo a interdisciplinaridade e combinando teoria (através de conceitos e metodologias) com a prática (através da elaboração e análise de demonstrações financeiras), bem como uma visão crítica do mercado corporativo e financeiro.

O projeto se propõe, além de elaborar e analisar o fluxo de caixa e seus riscos, contextualizar o momento em que esses resultados foram obtidos pela empresa. Uma vez que a gestão financeira não pode se dar de maneira independente, voltando-se apenas para os documentos. Para uma controladoria e gestão adequadas, é necessário também visão do ambiente externo e cenário econômico e social em que a empresa está inserida. Visto que o empreendedorismo é mutável, inconstante e exige competência analítica.

3.1 FINANÇAS CORPORATIVAS E CONTROLADORIA

3.1.1 A DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA - DFC

Imagine que você precisa fazer uma viagem, você irá precisar saber quanto tempo irá gastar até chegar ao seu destino, precisará de um GPS para ver o caminho e qual o orçamento precisará para cobrir a viagem e possíveis imprevistos.

O Fluxo de Caixa serve para dar todas essas orientações às empresas. Realizar orçamentos para o futuro, se preparar para imprevistos, fazer investimentos só é possível com um fluxo de caixa.

A Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC) é obrigatória pela 11.638/07 Art. 176 de 28 de dezembro de 2007 e tem por objetivo evidenciar a geração de caixa de

uma empresa, relacionando todos os ingressos e desembolsos financeiros realizados em um determinado período, a fim de analisar o dispêndio monetário da empresa. Dessa forma é possível visualizar onde estão alocados os maiores gastos da empresa e realizar planejamentos.

A Demonstração do Fluxo de Caixa segue uma estrutura que se divide em três categorias: Atividades Operacionais, que incluem contas do ativo e passivo circulante, como recebimento de clientes e pagamento de salários; Atividades de Investimento que incluem contas do ativo não circulante, como aplicações financeiras, imobilizados e como o próprio nome diz, investimentos e Atividades de Financiamento que incluem contas do passivo não circulante e patrimônio líquido, como empréstimos e pagamento de dividendos.

Além disso, a DFC pode utilizar dois métodos, o Direto utiliza saídas e entradas obtidas através de demonstrativos de caixa e equivalente de caixa (como saldos em bancos e aplicações financeiras de curto prazo) e os organiza conforme sua natureza contábil (como recebimento de clientes, pagamento de fornecedores, impostos). Apesar de ser mais caro e mais difícil de ser feito, tem melhores condições de classificar as entradas e saídas de caixa. O modelo de DFC Direto é o seguinte:

I – Fluxo das Operações

- (+) Recebimento de Vendas
- (-) Pagamento de Compras
- (-) Pagamento de Impostos
- (-) Pagamento de Despesa Operacional
- (=) Caixa Gerado Pelas Operações

II – Fluxo de Investimentos

- (-) Aquisição de Investimentos
- (+) Vendas de Investimentos
- (=) Caixa Gerado Pelos Investimentos

III – Fluxo de Financiamentos

- (+) Integralização do Capital
- (+) Empréstimos Bancários
- (-) Amortização de Financiamentos

(-) Pagamento de Dividendos

(=) Caixa Gerado Pelos Financiamentos

Varição total das disponibilidades (I + II + III):

Saldo Inicial:

Saldo Final:

É importante observar que o Banco Central do Brasil (BCB) classifica que investimentos só são caixa ou equivalente de caixa se puderem ser convertidos de maneira imediata e não apresentarem riscos de perda. Exemplos: investimentos em renda fixa com resgate diário. O BCB informa ainda que investimentos em instrumentos patrimoniais não são equivalentes de caixa, portanto não podem ser incluídos na DFC Direta.

Abaixo temos um exemplo elaborado pelo BCB para o modelo de DFC Direta apresentada acima:

Figura 1 – Exemplo de DFC do Método Direto

<u>Demonstração dos fluxos de caixa pelo método direto</u>	
	20X2
Fluxos de caixa das atividades operacionais	
Recebimentos de clientes	30.150
Pagamentos a fornecedores e empregados	(27.600)
Caixa gerado pelas operações	<u>2.550</u>
Juros pagos	(270)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(800)
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos	<u>(100)</u>
<i>Caixa líquido proveniente das atividades operacionais</i>	\$ 1.380
Fluxos de caixa das atividades de investimento	
Aquisição da controlada X, líquido do caixa incluído na aquisição (Nota A)	(550)
Compra de ativo imobilizado (Nota B)	(350)
Recebido pela venda de equipamento	20
Juros recebidos	200
Dividendos recebidos	200
<i>Caixa líquido usado nas atividades de investimento</i>	\$ (480)
Fluxos de caixa das atividades de financiamento	
Recebido pela emissão de ações	250
Recebido por empréstimo a logo prazo	250
Pagamento de passivo por arrendamento	(90)
Dividendos pagos*	(1.200)
<i>Caixa líquido usado nas atividades de financiamento</i>	<u>\$ (790)</u>
Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa	\$ 110
Caixa e equivalentes de caixa no início do período (Nota C)	<u>\$ 120</u>
Caixa e equivalentes de caixa ao fim do período (Nota C)	<u><u>\$ 230</u></u>

(*) Esse valor também pode ser apresentado no fluxo de caixa das atividades operacionais.

Fonte: Pronunciamento Técnico CPC 03 (R2). Banco Central do Brasil.

O método Indireto por sua vez usa dados obtidos a partir dos lucros ou dos prejuízos demonstrados da DRE e é ajustado pelos itens econômicos que não exigem desembolso de caixa (como depreciação e amortização) e a variação das contas patrimoniais.

Esse método é mais barato e fácil porque usa somente o balanço e a DRE referentes ao início e fim de um período. Entretanto, esse é um método imperfeito

porque necessita da conversão do regime de competência para o regime de caixa e isso gera distorções no resultado.

O modelo do DFC Indireto é o mesmo do Direto nos tópicos II – Fluxo de Investimentos e III – Fluxo de Financiamentos, seguindo a mesma ordem e lógica. Sua diferença se dá no tópico I – Fluxo das Operações porque, enquanto o outro seguirá uma classificação decorrente da análise do caixa e equivalente de caixa conforme já explicado, no caso do DFC Indireto utiliza-se de classificações da DRE. Segue:

I – Fluxo das Operações

Resultado do Exercício

- (+) Depreciação
- (-) Aumento das duplicatas a receber
- (+) Diminuição dos estoques
- (-) Diminuição dos fornecedores
- (+) Aumento das contas a pagar e impostos a recolher
- (=) Caixa Gerado Pelas Operações

Abaixo segue novamente um exemplo elaborado pelo BCB para a DFC utilizando o método Indireto:

Figura 2 – Exemplo de DFC do Método Indireto

<u>Demonstração dos fluxos de caixa pelo método indireto</u>	20X2
Fluxos de caixa das atividades operacionais	
Lucro líquido antes do IR e CSLL	3.350
Ajustes por:	
Depreciação	450
Perda cambial	40
Renda de equivalência patrimonial	(500)
Despesas de juros	400
	<u>3.740</u>
Aumento nas contas a receber de clientes e outros	(500)
Diminuição nos estoques	1.050
Diminuição nas contas a pagar – fornecedores	<u>(1.740)</u>
Caixa proveniente das operações	2.550
Juros pagos	(270)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(800)
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos	<u>(100)</u>
<i>Caixa líquido proveniente das atividades operacionais</i>	\$ 1.380
Fluxos de caixa das atividades de investimento	
Aquisição da controlada X, menos caixa líquido incluído na aquisição (Nota A)	(550)
Compra de ativo imobilizado (Nota B)	(350)
Recebimento pela venda de equipamento	20
Juros recebidos	200
Dividendos recebidos	<u>200</u>
<i>Caixa líquido usado nas atividades de investimento</i>	\$ (480)
Fluxos de caixa das atividades de financiamento	
Recebimento pela emissão de ações	250
Recebimento por empréstimos a longo prazo	250
Pagamento de obrigação por arrendamento	(90)
Dividendos pagos*	<u>(1.200)</u>
<i>Caixa líquido usado nas atividades de financiamento</i>	\$ (790)
Aumento líquido de caixa e equivalente de caixa	\$ 110
Caixa e equivalente de caixa no início do período	<u>\$ 120</u>
Caixa e equivalente de caixa no fim do período	<u><u>\$ 230</u></u>

(*) Esse valor também pode ser apresentado no fluxo de caixa das atividades operacionais

Fonte: Pronunciamento Técnico CPC 03 (R2). Banco Central do Brasil.

3.1.2 ANÁLISE DA DFC

A Demonstração do Fluxo de Caixa da Mahle, empresa objeto de estudo deste trabalho, utiliza o método Indireto. Provavelmente porque como já explicado anteriormente, este é menos dispendioso.

Com base no resultado divulgado na Bolsa Brasil Balcão (B3), temos o seguinte fluxo de caixa da empresa no ano de 2020 e 2019:

Conta	Descrição	Ano 2020	Ano 2019
1.01.01	Lucro antes dos Impostos	R\$ 107.620	R\$ 304.068
1.01.02	Depreciações e amortizações	R\$ 102.961	R\$ 95.394
1.01.03	Juros e variações cambiais e monetárias, líquidas	R\$ 130.389	R\$ 29.961
1.01.04	Ganhos (Perdas) com instrumentos financeiros derivativos	-R\$ 1.395	R\$ 20
1.01.05	Resultado na venda de ativo imobilizado	-R\$ 357	-R\$ 2.113
1.01.06	Provisão (reversão) para crédito de liquidação duvidosa	R\$ 1.631	R\$ 312
1.01.07	Provisão (reversão) para contingências e riscos fiscais	R\$ 49.421	-R\$ 22.101
1.01.08	Provisão (reversão) para garantias	R\$ 3.793	R\$ 2.302
1.01.09	Provisão (reversão) diversas	R\$ 2.442	R\$ 2.458
1.01.10	Provisão (reversão) para perdas com imobilizado e intangível	R\$ 1.431	R\$ 136
1.01.11	Provisão (reversão) para perdas nos estoques	R\$ 49.399	R\$ 4.235
1.01.12	Resultado da Equivalência Patrimonial	R\$ 137	R\$ 167
1.01.13	Ganho/perda de variação monetária, líquida	-R\$ 40.053	-R\$ 48.436
1.01.14	Juros incorridos de passivo de arrendamento	R\$ 2.153	R\$ 2.813
1.01.15	Baixa de intangível por descontinuidade	R\$ 45.159	R\$ 0
1.01.16	Redução ao valor recuperável de ágio	R\$ 29.663	R\$ 0
1.01.17	Contas a receber de clientes e demais contas a receber	-R\$ 71.609	R\$ 42.986
1.01.18	Estoques	-R\$ 21.858	R\$ 2.271
1.01.19	Tributos a recuperar	R\$ 20.464	R\$ 62.554
1.01.20	Outros ativos	R\$ 7.365	-R\$ 6.370
1.01.21	Fornecedores e contas a pagar a partes relacionadas	R\$ 138.935	-R\$ 7.331
1.01.22	Obrigações Sociais e Trabalhistas	-R\$ 3.202	-R\$ 14.744
1.01.23	Impostos e contribuições a recolher	R\$ 3.149	-R\$ 3.564
1.01.24	Outros Passivos	-R\$ 20.126	-R\$ 26.723
1.01.25	Imposto de Renda e Contribuição Social sobre o lucro pagos	-R\$ 47.354	-R\$ 69.875
(=)	Caixa Gerado Pelas Operações	R\$ 490.158	R\$ 348.420
1.02.01	Adições ao imobilizado	-R\$ 66.751	-R\$ 86.613
1.02.02	Adições ao intangível	-R\$ 329	-R\$ 6.852
1.02.03	Recebimento por vendas de ativo imobilizado	R\$ 2.489	R\$ 3.000
1.02.04	Empréstimos concedidos a empresas relacionadas	-R\$ 692.275	-R\$ 570.616
1.02.05	Liquidação de Empréstimos de partes relacionadas	R\$ 666.948	R\$ 574.503
(=)	Caixa Gerado Pelos Investimentos	-R\$ 89.918	-R\$ 86.578
1.02.01	Ingressos de financiamentos	R\$ 352.705	R\$ 328.542
1.02.02	Amortizações de principal de financiamentos	-R\$ 289.708	-R\$ 225.129
1.02.03	Amortizações de juros de financiamentos	-R\$ 13.034	-R\$ 12.563
1.02.04	Dividendos e juros sobre o capital próprio pagos	-R\$ 20.947	-R\$ 276.136
1.02.05	Pagamento de principal e juros - arrendamentos	-R\$ 10.563	-R\$ 8.652
1.02.06	Integralização de capital controlada MAHLE Hirschvogel Forjas S.A.	R\$ 2.940	R\$ 0
1.02.07	Variação Cambial s/ Caixa e Equivalentes	R\$ 17.421	R\$ 3.286
(=)	Caixa Gerado Pelos Financiamentos	R\$ 38.814	-R\$ 190.652
	Variação Cambial	R\$ 17.421	R\$ 3.286
	Variação Total das Disponibilidades	R\$ 439.054	R\$ 71.190
	Saldo Inicial das Disponibilidades	R\$ 168.781	R\$ 97.591
	Saldo Final das Disponibilidades	R\$ 607.835	R\$ 168.781

É possível observar que a empresa teve uma redução no lucro antes dos impostos de 2019 para 2020, o que indica que a empresa teve uma redução no faturamento. Resultado compreensível já que o setor automobilístico, no qual a empresa atua, sofreu fortemente os impactos da pandemia de covid-19 decretada no dia 11 de março de 2020. Houve uma redução drástica na produção de micro condutores e o fornecimento de matérias-primas parou no mundo inteiro.

No final de 2020 o dólar apresentava uma alta acumulada de 29,33% o que também pode explicar o aumento nos juros e variações cambiais de 2019 para 2020 de 435%.

Como o cenário apresentava insegurança financeira e muitas empresas optaram por postergar as contas, negociando junto aos seus credores prazos maiores e redução nos juros (com instituições financeiras inclusive realizando reservas para cobrir eventuais calotes) com a Mahle não poderia ser diferente. Por isso, a empresa teve uma queda de 60% nas contas a receber de clientes.

O caixa da empresa também aumentou em 2020 nas contas a pagar aos fornecedores, já que não foi possível ou necessário adquirir mais matéria-prima para produção, não foi necessário alocar recursos para essa conta. Mantendo esses valores no caixa da empresa ou reduzindo a dívida com partes relacionadas.

Resumindo, o aumento no caixa gerado pelas operações deve-se à redução das atividades da empresa no ano de 2020 por conta da pandemia.

A empresa também não adquiriu novos imobilizados e pagou parte do que havia comprado, apresentando, portanto, uma redução nessas adições. O que gerou a diferença no caixa dos investimentos.

No Caixa Gerado Pelos Financiamentos é possível fazer observações importantes. A empresa saiu de R\$190 bilhões negativos para R\$38 bilhões positivos, a maior parte dessa diferença encontra-se na conta “Dividendos e juros sobre o capital próprio pagos” e aqui cabe elucidações.

Figura 3 – Gráfico de Cotação Mahle-Metal Leve SA.

Fonte: Investing.com

Novamente, com a instabilidade econômica e financeira na qual o mercado global foi lançado durante a pandemia, a Mahle teve uma queda brusca no preço das suas ações. Saiu de um pico de R\$30,21 para uma queda de quase 50%, R\$17,50.

Figura 4 – Balanço Patrimonial Mahle Metal Leve SA

Encerramento do Exercício:	2021 30/09	2021 30/06	2021 31/03	2020 31/12
Total do Ativo Circulante	1616,62	1486,85	1496,23	1579
Caixa e Investimentos de Curto Prazo	294,89	246,63	335,55	607,84
Caixa	-	47,16	55,11	89,41
Caixa e Equivalentes de Caixa	294,89	199,47	280,44	518,42
Investimentos de Curto Prazo	-	-	-	-
Contas a Receber, Líquido	770,2	726,24	717,08	593,85
Contas a receber - comércio, Líquido	627,34	579,13	563,31	465,12
Inventário	546,56	501,11	436,51	368,89
Despesas Antecipadas	-	-	-	-
Outros Ativos Circulantes, Total	4,97	12,87	7,1	8,43

Fonte: Investing.com

O Balanço Patrimonial da empresa evidencia que ela teve um aumento nos equivalentes de caixa na comparação de 2019 para 2020 e isso pode indicar que, como as ações da empresa caíram durante a pandemia, os investidores aproveitaram a oportunidade para comprar papéis e isso pode ter aumentado os equivalentes de caixa. Ao mesmo tempo que, com a queda, a empresa diminuiu o pagamento de dividendos para quem já era um acionista.

Isso não significa dizer, entretanto, que a empresa não é sustentável e sobrevive com a captação de recursos financeiros de terceiros, pois essa foi uma anomalia daquele ano que foi totalmente incomum para o mundo e, do mesmo modo, para o mercado financeiro.

Para uma análise justa, é necessário voltar-se para 2019 e observar que a empresa mantém equilíbrio entre o uso do capital de terceiros e as receitas adquiridas por meio de suas operações, quando estas estão funcionando em sua normalidade.

3.2 GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCO

3.2.1 GESTÃO DE RISCO E INVESTIMENTO

Todos os dias, estamos sujeitos a riscos em nossas vidas. Em qualquer atividade que desenvolvamos, eles estão lá! Embora não possamos afastá-los por completo, sempre fazemos de tudo para minimizá-los e evitar que eles se transformem em danos graves.

No mundo dos investimentos o raciocínio é o mesmo, a diferença é que algumas aplicações podem oferecer chances maiores de bons retornos em troca de uma exposição maior aos riscos. Para analisar esse tipo de situação, existe a chamada “gestão de riscos”.

O primeiro ponto para entender o que é gerenciamento de riscos é ter em mente que todo investimento, por mais simples que seja, tem riscos. Os riscos, por sua vez, devem ser entendidos como a parte do investimento que não pode ser prevista. Os CDBs, por exemplo, são um dos investimentos financeiros mais seguros do mercado, enquanto o risco de investir em bitcoin é extremamente alto. No entanto, mesmo na primeira opção, não é possível ter total garantia sobre a segurança. Ainda sendo um investimento coberto pelo FGC (Fundo Garantidor de Crédito), pode acontecer de o valor investido ser maior que o limite garantido pelo fundo.

Nesse caso, se o banco onde o dinheiro está colocado quebrar, o investidor só será ressarcido até o teto estipulado, perdendo o restante. Ou seja, haveria prejuízo com uma aplicação que, em tese, é de baixíssimo risco. No entanto, existem estratégias que ajudam a analisar quais perigos o investidor está correndo ao escolher determinadas opções. Elas começam por tentar entender essa realidade onde qualquer modalidade de aplicação está sujeita às turbulências e depois tenta encontrar meios de minimizar as chances de que algo dê errado. Isso, em suma, é o papel da gestão de riscos.

Não é possível mitigar todos os riscos de um investimento. Na maioria dos casos, será preciso assumi-los ou ainda evitá-los, fazendo outra escolha de aplicação. Em situações como essa, o gerenciamento de riscos se mostra importante, pois permite avaliar fatores muito difíceis de serem previstos e fornecer alternativas para lidar com eles. Assim, as decisões podem ser tomadas de maneira mais segura e consciente.

Existem inúmeras metodologias e fórmulas matemáticas para fazer o gerenciamento de riscos em investimentos. A maioria delas passa pela identificação de potenciais ameaças e pela análise de dados históricos. A mais comum delas é a value-at-Risk (VaR), que busca estimar qual a perda máxima possível de um investimento em um período de tempo. Outro meio bastante utilizado é o de análise de cenários extremos — também conhecido como Stress Test. Com ele, são feitos cálculos de perdas causadas diante de crises.

Embora os dois métodos geralmente sejam complementares, nenhum deles é infalível. Os cenários que surgem podem extrapolar qualquer previsão, o que impede o controle de muitas variáveis. Entender a relação entre risco e retorno é simples: em geral, quanto maior o risco de um investimento, maior a possibilidade de bons retornos.

Para entender isso, é só pensar no investimento em ações. Quem coloca seu dinheiro nos papéis de qualquer empresa, corre o risco de ver a perda de valor por um motivo inesperado. Com isso, o preço das ações desvaloriza e o investidor tem prejuízo. Por outro lado, pode haver valorização e grandes ganhos em um curto período de tempo.

Já quem opta por formas menos arriscadas de aplicações, como certos fundos de investimentos, corre menos riscos. Contudo, ao mesmo tempo, as chances de ganhos maiores são pequenas. Ou seja, é preciso combinar as possibilidades de retorno com os riscos para encontrar a forma de investir adequada para cada pessoa e situação.

Os riscos são divididos em categorias. Explicamos as principais abaixo:

Risco de mercado

O risco de mercado está ligado às mudanças de preços e variações de indicadores econômicos que atingem todo o mercado — como o preço do dólar ou a taxa de juros. Por isso, também é conhecido como risco sistêmico. Ele é o mais percebido pelos investidores, e todas as formas de investimento são afetadas de alguma maneira por ele.

Risco do ativo

O risco do ativo está relacionado apenas às especificidades de cada investimento. Por exemplo: ao investir em ações de uma mineradora, a variação dos preços dos minérios passa a ser um risco que deve ser avaliado constantemente.

Risco de crédito

O risco de crédito diz respeito à possibilidade de uma empresa ou instituição financeira quebrar ou dar calote. Assim, quem tem dinheiro investido nela está arriscado a perder parte ou o total dos valores.

Risco de liquidez

O risco de liquidez estima a facilidade em resgatar um investimento. Quanto mais fácil for fazer isso, mais alta a liquidez da aplicação. O dinheiro de uma caderneta de poupança é muito simples de ser sacado, enquanto um imóvel precisa de um comprador interessado.

Como existem perfis de investidores diferentes, cada um deles lida com os riscos de maneira diversa... são elas:

Perfil conservador

Prefere investimentos de baixo risco, mesmo sabendo que a rentabilidade é menor. Prioriza a liquidez e costuma fazer o saque dos recursos em pouco tempo. A caderneta de poupança e os títulos públicos são as aplicações mais comuns.

Perfil moderado

Como o próprio nome diz, esse perfil escolhe investimentos de risco moderado e deixa o dinheiro investido por mais tempo. Geralmente, opta por ações de empresas tradicionais e confiáveis e títulos de bancos privados estabelecidos no mercado.

Perfil arrojado

Esse perfil não hesita em dar preferência a investimentos de alto risco, mirando a oportunidade de bons ganhos. É comum que esse perfil de investidor espalhe seus recursos em diversas aplicações, na expectativa de que os ganhos de algumas delas cubram os custos dos demais investimentos. Isso confirma que ele não faz questão de sacar o dinheiro em prazos muito pequenos.

Diante de tantas variáveis que podem colocar um investimento em risco, atuar no mercado sem o auxílio de profissionais pode trazer problemas, principalmente para iniciantes ou para quem não tem tempo disponível para monitorar tudo o que é importante. Nesse sentido, um bom profissional ajuda o investidor a tomar melhores decisões e a proteger seu dinheiro de riscos desnecessários. Geralmente, isso é feito por meio da construção de uma carteira de investimentos diversa, apoiada em um conhecimento aprofundado do mercado e de acordo com o perfil do cliente. Essa distribuição de recursos reduz a chance de grandes perdas, já que nenhum investimento concentrará um valor muito alto. A lógica aqui segue o velho ditado popular, que diz para não colocar “todos os ovos em uma única cesta”.

Ter que arriscar um pouco mais para obter maior rentabilidade no médio e longo prazos tem sido um tema recorrente. No entanto, quanto mais risco deve-se adicionar para conseguir melhores resultados nas aplicações financeiras? Qual a relação risco-retorno ideal?

Retornos mais altos são sempre desejados. Risco, não. Só que o risco é parte inerente dos investimentos. Muitas pesquisas efetuadas ao longo de vários anos confirmam que os investidores dão mais importância aos retornos dos investimentos do que às possibilidades de algo não sair como o planejado. Por isso, é frequente vermos

investidores insatisfeitos com os retornos e até machucados por não avaliar o risco com a importância devida.

Se quiser alcançar maiores retornos é importante saber mensurar o risco envolvido. Conhecer o terreno onde está pisando ajuda na tomada de decisões e na diversificação mais eficiente.

Medindo o risco

O indicador mais utilizado na análise e gestão de risco financeiro é o desvio-padrão. Todavia, há muitos outros indicadores também importantes e que, em geral, são empregados conjuntamente.

O desvio-padrão é a medida estatística de dispersão dos retornos em relação à média. É sempre um número positivo e, quanto maior, significa que mais dispersos são os valores em análise. Abaixo segue uma tabela de retornos de um fundo referenciado DI. Observe que as rentabilidades mensais ou anuais não variam tanto.

A aplicação em referência apresentou retorno anualizado de 10,6% no período dos últimos cinco anos ou 95% do CDI na mesma janela de tempo. No entanto, a informação de rentabilidade média isolada não nos diz muito sobre o risco desta aplicação. É preciso conhecer o desvio-padrão dos retornos.

Neste caso, o desvio-padrão dos retornos mensais do fundo apresentado na tabela é de 0,20%. Com esse número em mãos, também conhecido como volatilidade, conseguimos categorizar as aplicações por nível de risco.

Ativo livre de risco

Se todos os retornos mensais fossem iguais, a aplicação teria desvio-padrão igual a zero. No mundo real, não existem investimentos totalmente sem risco.

Somente os títulos públicos federais atrelados à Selic são considerados como ativos livres de risco. Possuem um desvio-padrão muito próximo de zero, ainda assim não é nulo, porque a taxa Selic varia conforme a política monetária do Banco Central.

No passado recente vimos a Selic ser reduzida de 14,25% para 6,5% ao ano. O efeito da mudança de patamar da taxa de juros na volatilidade não deve ser desconsiderado.

Baixo risco, baixo retorno

Em aplicações com risco muito baixo, a possibilidade de apresentar retornos negativos é muito remota, assim como também é a de uma valorização surpreendentemente acima do CDI. Isso só aconteceria se o fundo mudasse de estratégia.

Mais risco, maior retorno esperado

3.2.2 FRAUDE E RISCOS

Ser responsável pela gestão financeira de uma empresa exige muita responsabilidade. É preciso cuidar dos gastos, administrar o lucro e, principalmente, evitar fraudes. Este último quesito, aliás, tira o sono de muitos profissionais.

Somente no Brasil, 7 em cada 10 instituições tiveram problemas com isso em 2016. Os dados fazem parte do Relatório Global de Fraude e Riscos, elaborado pela Kroll. O estudo apontou, ainda, que as perdas com golpes correspondem a 1,7% das receitas das corporações.

Mas os prejuízos vão além da questão financeira. Essas situações podem manchar a credibilidade do gestor e do negócio, e resultar em processos na justiça (ou até no fechamento da empresa).

Para evitar fraudes nas organizações, é preciso estar atento a alguns pontos importantes. Geralmente, a oportunidade, associada à falta de controle, cria um ambiente fértil para golpes internos.

Existem três tipos de fraudes, de acordo com uma classificação da Association of Certified Fraud Examiners (ACFE): Demonstrações fraudulentas; Apropriação indevida e Corrupção.

A boa notícia é que a tecnologia pode ajudar no combate a essa situação com inteligência.

A fraude contábil, por exemplo, é um ato executado intencionalmente que tem como objetivo prejudicar a outra parte. No campo financeiro, pode ser desde uma falsificação de gastos até a omissão de dados.

Golpistas utilizam os mais variados meios para desviar dinheiro. Porém, as empresas relatam que isso ocorre com mais facilidade no caixa pequeno ou no fundo fixo. Bons exemplos são o superfaturamento de custos com alimentação fora da corporação ou em viagem de trabalho e a falsificação de valores em notas fiscais de compras de artigos para o escritório.

A questão é que a maioria dos roubos acontece em despesas modestas. É mais ou menos como diz aquele ditado: de grão em grão, a galinha enche o papo.

Há, ainda, as fraudes ligadas a bancos, em que o funcionário conta com a convivência de gerentes. Por isso, é fundamental que sempre seja feita uma conciliação bancária. Ela vai ajudar a identificar taxas e serviços que estejam sendo cobrados indevidamente.

Especialistas afirmam que o golpe é mais difícil de ser detectado do que o erro. Isso porque o segundo ocorre de maneira involuntária e tende a deixar “rastros”. No caso do desvio, a ação é intencional, planejada e busca brechas no sistema de governança da empresa.

Perceber o sumiço de grandes quantias não é complicado. O problema é quando a fraude acontece em pequenos valores. De forma constante, é possível subtrair montantes consideráveis. Por isso, preste atenção nos mínimos detalhes. Um controle minucioso de toda a movimentação financeira da instituição pode fazer muita diferença.

Outro ponto destacado é conhecer a equipe. Você até pode saber quem é parte de seu time, mas realmente os conhece? Avaliar as pessoas que vão ajudá-lo em atividades que envolvam dinheiro exige cuidado. O mesmo vale para que você não saia acusando alguém sem provas.

Busque informar-se sobre seus funcionários. Eles passam por problemas financeiros? Como se portaram no emprego anterior? Seus comportamentos nas redes sociais são de ostentação condizente com suas rendas?

A análise comportamental da equipe auxilia, e muito, na prevenção a golpes. Ela ajuda, também, no remanejamento de profissionais e no aumento da produtividade.

Para evitar fraudes, é fundamental que o gestor controle todo o caminho percorrido pelo dinheiro dentro da empresa. Quando necessário, verifique dados e registros de cada fase. Brechas se abrem se não houver supervisão!

Saiba quem são as pessoas responsáveis por cada atividade. Assim, fica mais fácil observar possíveis suspeitos de estarem cometendo crimes.

É recomendável, ainda, que algumas funções sejam divididas entre a equipe do setor contábil. Não concentrar todas as demandas de compra e pagamento em um único funcionário é primordial.

Reserve um dia de cada mês para analisar os relatórios de custos, despesas e receitas da instituição. Dedicar um tempo exclusivamente para isso fará com que você consiga desempenhar a tarefa com mais cuidado e atenção. Se você não domina essa área, o ideal é contratar um profissional de confiança para auxiliá-lo no exame dos dados.

Auditorias podem ser realizadas tanto pela contabilidade da corporação quanto por empresas terceirizadas. No caso de uma equipe externa, a vantagem é que não há ligação direta com os colaboradores. Assim, as análises podem ser feitas sem a interferência de qualquer vínculo emocional.

Faça da tecnologia sua aliada para evitar fraudes.... Podemos dizer que esta é a dica de ouro para evitar fraudes em sua organização.

Atualmente, o mercado oferece uma série de sistemas e ferramentas que facilitam a conferência de informações: softwares de gestão, automatização do fluxo de caixa e o uso de cartões pré-pagos com dashboard de controle, por exemplo. Também é

possível recorrer a antivírus, anti-hackers e anti-malwares para combater eventuais golpes financeiros.

A partir dos dados coletados com essas soluções, você consegue identificar, de forma mais certa, qual funcionário está cometendo o delito. No entanto, ressaltamos que nem todo erro observado na contabilidade significa uma fraude. Equívocos podem ocorrer, afinal, as pessoas estão sujeitas a falhas.

O exemplo deve vir “de cima” A frase acima pode até soar um pouco “batida”, mas faz todo o sentido dentro de uma corporação. Infelizmente, vemos, diariamente, muitos exemplos de corrupção no país, seja na política ou em nosso próprio cotidiano. Por isso, é fundamental que o alto escalão da empresa tenha uma postura rígida em relação a este assunto.

É importante, também, adotar um código de ética e conduta bem elaborado. Isso pode ajudar o colaborador a entender qual é o posicionamento da instituição quanto a fraudes. Além disso, ele saberá quais consequências pode sofrer caso cometa esse erro.

12 erros de fluxo de caixa que sua empresa não pode cometer

Tão importante quanto ter um negócio rentável, é saber gerenciar o fluxo de caixa. Alguns erros são bastante comuns na hora de estruturá-lo, e alguns empreendedores acabam fazendo escolhas equivocadas, seja por inexperiência ou desconhecimento na área financeira, comprometendo uma boa avaliação e, assim, seu correto gerenciamento.

1. Não controlar o fluxo de caixa

Ter todo conhecimento na área do seu negócio não é o suficiente, se você não se aliar ao financeiro. O crescimento de um negócio se viabiliza a partir daí, iniciando pelo fluxo de caixa, que nada mais é do que as entradas e saídas financeiras. Manter o controle disso permite que você saiba quanto sobra, de onde vem e para onde vai o seu dinheiro.

Quando não é feito, a falta de perspectiva torna impossível evitar problemas antes que eles aconteçam porque, além de fazer parte da rotina, o controle do fluxo de caixa mostra muito sobre o futuro.

Ou seja, é o básico para ter lucro. Assim como ajuda a agir antecipadamente de acordo com o que se consegue analisar, também instiga a planejar e investir melhor, gerando benefícios a curto, médio e longo prazo.

2. Não atualizar o fluxo de caixa com periodicidade

A correria do dia a dia faz com que muitos empreendedores deixem para atualizar seu fluxo uma vez por semana ou mensalmente. Contudo, os pagamentos e recebimentos são diários e, se você não conhece as informações com precisão, não poderá tomar qualquer tipo de decisão confiável.

Não são raras as vezes que o dinheiro sai do caixa para comprar um material de expediente ou mesmo pagar uma dívida, mas nem sempre essas saídas são contabilizadas no lançamento mensal ou registradas instantaneamente.

O acompanhamento diário é essencial para se ter um bom controle do fluxo de caixa, o que possibilita a você identificar problemas e riscos financeiros com antecedência e tomar providências em tempo hábil para evitar consequências graves.

3. Não categorizar os lançamentos do caixa

É fundamental registrar separadamente as entradas e saídas previstas, as que já foram efetivamente realizadas e, também, saber de onde elas vieram, para onde e quando foram.

Além disso, fazer a distinção de itens como impostos, pró-labore e funcionários permite controle sobre cada centavo pago e recebido.

Quando você tem conhecimento sobre em quais áreas os recursos estão sendo mais gastos, pode traçar estratégias para diminuir despesas desnecessárias. Da mesma forma que os recebimentos, categorizando as receitas é possível detectar onde estão as maiores rentabilidades e direcionar novos investimentos a essas áreas.

4. Utilizar categorias genéricas

É normal ter alguns momentos de criatividade limitada ou preguiça, mas encontrar entradas e saídas categorizadas como "Outras entradas", "Entradas diversas", "Outras saídas" e "Saídas diversas" é o mesmo que nada. Valorize sua organização! Ela lhe salvará futuramente na prestação de contas e no seu planejamento orçamentário.

5. Controlar via livro-caixa

Muitos anos atrás, a melhor forma de controlar o fluxo era através de cadernos, chamados livro-caixa. Porém, ao registrar entradas e saídas com apenas papel e caneta, o fluxo de caixa acaba por ser somente um registro do passado e não desempenha sua utilidade principal, que é ajudar a entender o passado e, também, a previsão do futuro para tomar melhores decisões agora, no presente.

Sem as informações necessárias, é impossível entender claramente como está a saúde financeira, onde investir ou cortar gastos. Por isso, ter suas finanças organizadas em um software faz uma enorme diferença no dia a dia e na melhoria do seu negócio como um todo. Nele, você consegue utilizar os dados de maneira inteligente, gerando gráficos e relatórios detalhados das receitas e despesas, separados por período de tempo, setores ou de acordo com as suas necessidades.

6. Contar com dinheiro que ainda não entrou

Esta é outra situação muito comum de ocorrer nas empresas: contar com dinheiro que ainda não entrou em caixa.

Por exemplo, uma venda parcelada em 5 vezes, com a primeira parcela a ser paga pelo cliente após 30 dias. Isso significa que uma parcela irá entrar somente daqui a 30 dias, e muitos empreendedores acabam gastando antes mesmo do dinheiro entrar, sem se dar conta que correm um grande risco de o cliente atrasar, uma despesa mais urgente surgir, os bancos entrarem em greve ou ocorrer outro imprevisto.

O ideal é aguardar os recebimentos serem concretamente efetuados antes de realizar qualquer tipo de investimento ou gasto, para evitar que o caixa fique negativo. A dica aqui é: lance suas vendas de acordo com a forma de pagamento do cliente.

7. Contas pessoais e contas da empresa

Este talvez seja um dos erros mais comuns, cometidos principalmente por empreendedores iniciantes: confundir as contas pessoais com as contas da empresa.

É preciso entender que o caixa da empresa não é sua conta bancária e que não está ali para fazer saques sempre que precisar. Tente estabelecer um valor fixo para o pró-labore e incluí-lo no planejamento mensal do fluxo de caixa, isso vai evitar que retiradas constantes possam causar perdas maiores.

8. Ter inconsistência nas informações lançadas

Nada adianta lançar um grande volume de informações no fluxo de caixa todos os dias, se esses dados não apresentarem o detalhamento ideal.

Por exemplo, indicar que no dia de hoje aconteceu “+ R\$50 p/ banco” pode significar entrada de R\$50 na venda de bancos, mas, ao término do mês, você ou seu colega pode entender algo como “pagar R\$50 ao banco”.

Com isso, é certo que você dedica um bom tempo tentando se lembrar do significado da observação, fora a possibilidade de interpretá-la erroneamente sem sequer perceber.

Mantenha, então, as informações claras e completas em todos os registros que forem feitos.

9. Controlar via planilha

Mesmo parecendo fácil, os processos em uma planilha são todos manuais. Você pode perder anotações, os dados podem ser alterados ou excluídos por acidente e tudo virar uma bagunça. Com o tempo, exige mais esforço, afeta sua produtividade e não

garante o mesmo controle, principalmente diante de perda, acidente ou, até mesmo, roubo de dados.

Já em um software, é possível automatizar muitos processos, diminuindo a chance de erros e, especialmente, decisões erradas. É confiável, prático e entrega tempo para que os seus objetivos sejam alcançados dentro do planejado.

10. Superestimar a previsão

A estimativa de lucros elevados com base em suposições ou informações falsas acaba traindo a organização em seu propósito de crescimento, contribuindo para o fracasso.

Errar no lançamento das informações, deixar lacunas no detalhamento diário e até as oscilações do faturamento, causadas pela sazonalidade das vendas, podem fazer com que qualquer empresa declare falência nos primeiros anos.

Dica: Saiba a diferença entre lucro e faturamento

É por isso que, quanto mais realistas forem as previsões, sobretudo, baseadas em projeções concisas, maior será a capacidade de acertar nos próximos passos e sua empresa seguir firme no mercado.

11. Fazer compras ou investimentos por impulso

Compras realizadas sem planejamento afetam tanto a empresa quanto a vida pessoal.

Não importa qual tenha sido o gasto, seja investir num patrocínio sem antes analisar as condições, substituir equipamentos sem a análise do caixa ou comprar grandes encomendas em um mês desfavorável, só trará prejuízos ao caixa da empresa.

Se o estoque não apresenta movimentação e o retorno não acontece em curto ou médio prazo, é fácil identificar que se trata de um gasto impulsivo, e poderá resultar em falta de dinheiro para outras necessidades.

O ideal é aguardar a oportunidade certa para comprar em grandes quantidades, pesquisar preços mais acessíveis e investir somente quando houver certeza de que será possível cobrir os gastos.

12. Não usar um software de gestão financeira

Contar com anotações ou planilhas para organizar o fluxo de caixa faz com que você fique muito vulnerável a todos os erros e problemas que citei até aqui.

Não é à toa que a maior parte das empresas já utiliza sistemas mais modernos, isto é, os softwares de gestão. É o melhor investimento que a sua empresa também pode fazer no intuito de reduzir — ou eliminar — erros de fluxo de caixa.

Existem softwares que de forma automatizada e muito mais dinâmica, fazem a gestão dos pagamentos e recebimentos, o registro de informação dos clientes e o monitoramento e controle do fluxo financeiro.

Otimiza os processos, proporciona segurança e confiabilidade às informações, além de tornar as rotinas empresariais mais simples, oferecendo tranquilidade para que você possa se concentrar em outras demandas.

4. CONCLUSÃO

Este projeto analisou os principais pontos do fluxo de caixa e riscos na operação da empresa Mahle com base no que foi proposto e isso possibilitou compreender de maneira mais prática como uma DFC funciona e no que ela pode auxiliar as empresas se feita de maneira correta.

A análise do fluxo de caixa mostrou o quanto 2020 foi um ano atípico para as empresas e como o planejamento é importante para sobreviver a períodos de crises. Com o acompanhamento do fluxo, mesmo que do DFC Indireto, a empresa pôde observar claramente onde a maior parte dos seus recursos monetários estavam inseridos e, com isso, foi possível realizar planos para não fechar o ano no negativo e ter caixa para as suas obrigações no ano seguinte que, ao que tudo indicava, seguiria na mesma instabilidade. Obrigando a empresa a reduzir suas atividades.

Isso evidencia o quanto a gestão financeira é complexa, é necessário um conhecimento sólido, leituras e prática para realizar e analisar os documentos necessários para uma gestão de alta performance.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Pronunciamento Técnico CPC 03 (R2) – Demonstração dos Fluxos de Caixa**, c1996. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/aplica/cosif/manual/0902177180ac075c.htm#:~:text=Caixa%20compreende%20numer%C3%A1rio%20em%20esp%C3%A9cie,risco%20de%20mudança%20de%20valor>>. Acesso em: 17 de novembro de 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.638 de 2007**. Brasília: Congresso Nacional, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111638.htm>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

BOLZANI, Isabela. Grandes bancos reservam R\$72 bilhões para cobrir possíveis calotes em 2020. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/11/grandes-bancos-reservam-r-72-bilhoes-para-cobrir-possiveis-calotes-em-2020.shtml>>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

Sem autor. Mahle-Metal Leve AS (LEVE3). **Ibovespa**, 2021. Disponível em: <<https://br.investing.com/equities/metal-leve-on-ej-nm-balance-sheet>>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

Sem autor. Dólar fecha 2020 em alta acumulada de 29,33%, a R\$5,189; Bolsa sobe 2,92. **UOL Economia**, 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/cotacoes/noticias/redacao/2020/12/30/fechamento-dolar-ibovespa-30-dezembro.htm#:~:text=D%C3%B3lar%20fecha%202020%20em%20alta,%25%2C%20cotado%20a%20R%24%205%2C189>>. Acesso em: 17 de novembro de 2021.

MAHLE. **Quem somos: história**, c1997. Disponível em: <<https://ri.mahle.com.br/a-empresa/historia/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.